

A FORMAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Data de submissão: 18/11/2024

Data de aceite: 02/01/2025

Daril Domingos Motta

Cristiane Soares dos Santos

Daniel de Oliveira Junior

Eliane Nunes de Carvalho

Marina Coelho Motta

Paula Fabiana Almeida da Mata

Dalbene Cristina Caldas da Silva

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a formação do docente no ensino superior na prática pedagógica, visando abordar um conhecimento maior sobre o assunto. Foram utilizados artigos dos bancos de dados Literatura Latino – Americana e de Caribe em Ciências da Saúde – LILACS e Scientific Eletronic Library Online – SCIELO em português com base crítica de fundamentos teóricos de pesquisa científica, ao que se respaldou este trabalho. Busca-se, entretanto entender as dificuldades tanto do docente de nível superior como dos acadêmicos, à sociedade contemporânea frente ao docente, e relação professor aluno.

Neste contexto é importante ressaltar que o estudo referenciado aqui é uma reflexão de contínuo saber.

PALAVRAS-CHAVE: Docência Superior. Sociedade Contemporânea. Relação Professor - Aluno.

1 | INTRODUÇÃO

Na prática da docência superior como em todas as etapas do ensino da educação são necessária algumas qualificações. A prática de ensino superior requer um comprometimento com o aprendizado do aluno. É na sala de aula que a relação pedagógica acontece e que os professores podem desenvolver suas habilidades.

No contexto atual, a proposta de reflexão procura analisar as contribuições da formação do ensino superior na prática pedagógica. Foram realizadas buscas literárias de pesquisa científica, tendo no primeiro momento a realização de um breve histórico: do ensino superior brasileiro para um entendimento maior

posteriormente de todo o contexto do estudo, buscando conhecer o assunto relevante ao docente na sociedade atual, e relação entre aluno e professor em sala de aula.

Considerando a relação didática e o ensino superior, esta compreensão para Tardiff, (2007) adverte que o conhecimento pedagógico pode contribuir para o desenvolvimento do ensino. Na profissão de docente é exigido dos professores conhecimentos educacionais e metodológicos.

Assim, como o autor, sobre ensino, considera-se todas as ações que não podem ser negado ao universitário o processo de aprendizagem. O profissional docente nos desafios da profissão deve estar aberto para uma constante reflexão sobre sua identidade.

Para Perrenoud (2008) os grandes educadores, cada um à sua maneira, consideraram o professor ou educador um inventor, pesquisador, um improvisador, um aventureiro que viaja caminhos nunca antes pisados, e que pode ser perdido se não refletido intensamente sobre o que fazem.

Na universidade as diferentes gerações e culturas que convivem neste espaço, campo de debates e estudos, uma diversidade de concepções que necessitam de longos processos de ensino e aprendizagem.

Tendo referência a estas observações de caráter geral, propõe-se a fazer um estudo reflexivo sobre o desafio da formação do ensino superior e problematizar a função do docente no processo de formação do professor universitário.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Através de revisão bibliográfica o qual foram utilizados artigos dos bancos de dados Literatura Latino – Americana e de Caribe em Ciências da Saúde – LILACS e Scientific Eletronic Library Online – SCIELO e acervos da biblioteca da faculdade aberta, a partir das palavras chaves: Docência Superior, Sociedade Contemporânea, Relação Professor - Aluno. A forma estabelecida para seleção dos artigos dispôs de fichários. A proposta é nortear o estudo para melhor entender o conhecimento sobre o tema.

3 | DESENVOLVIMENTO

3.1 Histórico: Ensino superior brasileiro

A universidade no Brasil desde a sua implementação foi restrita para o espaço de elite. Também porque no Brasil no início do século XX, setenta por cento da população era analfabeta. Na década de 1960 frequentar a universidade era uma chance real de ascender socialmente, também significava a esperança de mudança social. Portanto, a reforma universitária foi urgente. Os alunos deste período foram mobilizados a fim de pressionar o governo brasileiro para a reestruturação das universidades. Em 1961, o - União UNE Estudantes Nacionais em um seminário no Estado da Bahia, aponta as seguintes orientações

para a reforma universitária: a abertura da universidade para as pessoas através de serviços de extensão e comunidade universitária; a democratização da educação em todos os níveis, colocando a universidade a serviço das classes desfavorecidas, finalmente, a modernização desta instituição foi proposto (MENDONÇA, 2009, p.145).

Destarte a grande mobilização e a certeza de uma democratização provável da educação maior no governo Goulart, a implementação de um sistema militar, em 1964, acabou com as esperanças de milhares de brasileiros que esperaram a oportunidade de serem inseridos no processo educacional. Para Ghiraldelli Júnior sobre a reforma:

[...] A reforma implementada pela ditadura militar pela Lei 5.580 / 68 foi feito na direção oposta do que se pretende reformar o período de João Goulart, apesar de disfarçar suas intenções. Na prática, foi para muitos governos apenas uma maneira de abafar a crise estudante afiada naquele ano. Uma crise que, pelo menos em parte, espelhado precisamente os desejos das classes médias na democratização do acesso à universidade que foi mostrado no “problema de excedentes”. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2009, p.117).

Somente após o fim da ditadura, com o estabelecimento de um regime democrático, a universidade poderia voltar a ser objeto de atenção por parte do estado, vai incentivar e criar formas mais eficazes de promoção da inclusão social. Nas últimas décadas do século XX, o sistema de ensino superior no país passou por várias reformulações, a citar: aumento de vagas, reforma curricular, a criação de novas instituições, o aumento do sistema de pós-graduação, e finalmente a produção intelectual de uma vasta literatura em diversas áreas de ensino, o que contribuiu para as mudanças na educação brasileira, desde a educação básica até as universidades de ensino superior. Estes são vistos como lugares que devem treinar cidadãos em diferentes áreas do conhecimento, colaborando com a formação contínua de modo que eles sejam habilitados tanto para o mercado de trabalho, como para participar no desenvolvimento da sociedade.

Contribuindo para a formação outra finalidade do ensino superior, instituído pela Lei 9.934 / 96, a LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação - no inciso II do art.43 é: “[...] formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”. (LDB, 1996).

Neste contexto, a busca pela qualidade das universidades e faculdades em todo o país, o Departamento de Educação Superior do MEC, em 1997, pediu ao governo federal propostas de diretrizes curriculares superiores cursos de graduação. Para o Projeto ocorrer democraticamente e fosse ao encontro das necessidades de cada área do conhecimento, foram nomeados comissões de especialidades pelas instituições, entidades e organizações (FONSECA, 2005, p. 64).

Cada grupo de professores preparou um texto/documento das diretrizes estabelecidas: a estrutura dos cursos, conteúdo, duração, o perfil profissional, as competências e habilidades, estágios e atividades complementares, a educação continuada

e a conexão com as institucionais.

Avaliação e orientações foram destinadas, a fim de servir como referência para a educação -Instituição IES Superior - em organizar seus programas de treinamento, permitindo liberdade de comitês formados na construção de currículos e privilegiando áreas de indicação de conhecimento a ser considerado, em vez de estabelecer disciplinas definiu a trabalhar carga horária. Esta preocupação com a melhoria do ensino superior no Brasil foi um passo importante para tornar o ensino superior mais significativo no processo de formação dos indivíduos para superar um modelo orientador dos programas de racionalidade, organizar técnicas que visam à formação de professores, e, finalmente, para promover o conhecimento plural e necessário na atualidade.

Uma década após a criação destas propostas, o Ministério da educação realizou uma pesquisa para detectar a quantidade de instituições de ensino superior no país. Os dados da pesquisa mostraram 106 federais, 82 estaduais e 61 instituições municipais e privadas 2032. Os resultados da pesquisa certamente influenciará a procura por instituições privadas, no entanto, o acesso ao ensino superior permanece restrito a uma parcela da população, mesmo que a entrada na universidade tem aumentado nos últimos anos.

4 I O DOCENTE SUPERIOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Atualmente o professor do ensino superior precisa estar apto para o desafio da proposta curricular do ensino superior, é necessário o conhecimento e técnicas para a experiência do saber.

Para Morin (2003) estar apto a agir na educação, formação não deve fazer sem o desenvolvimento de competências e habilidades que são adquiridas na trajetória acadêmica. Trajetória essa que começa com uma graduação e que deve ir além, com a participação em cursos de especialização, mestrado e doutorado. O professor que se propõe a atuar em qualquer instituição de ensino superior deve ser competente em uma determinada área de conhecimento ter domínio na área pedagógica, a qual envolve o ato de ensinar.

Para Passos [...] O professor deve ser visto como conceito e gestor de currículos, preocupando-se com a valorização do conhecimento e sua atualização do conhecimento e sua atualização, com pesquisa, crítica e cooperação, com os aspectos éticos do exercício da profissão, com os valores sociais, culturais, políticos e econômicos, com a participação na sociedade e o compromisso com sua evolução (PASSOS, 2009, p. 36).

São algumas das características necessárias e de precisão que a educação tem como requisitos. É preciso o aperfeiçoamento da classe dos professores priorizando ao ensino, à pesquisa e extensão dos estudos, assim como apoio para o desenvolvimento da prática teórica fundamental ao conhecimento do estudante. Para Demo:

Essa atitude do professor acarreta sérias consequências, tais como o aluno que apenas escuta exposição do professor, no máximo, se instrui, mas não chega a elaborar a atitude do aprender a aprender; o professor sem produção

própria não tem condições de superar a mediocridade imitativa, repassando, pois, esta mesma. (DEMO, 2000. P. 130).

Para ser professor universitário não é suficiente ser pesquisador, intelectual, conhecedor do seu conteúdo específico, mas deve ser grande conhecedor da técnica de ensinar, tem que possuir habilidades e competências para exercer a função de professor.

A contemporaneidade está sendo marcada por profundas transformações. De maneira acelerada presenciam-se novas formas de ser, conviver e produzir conhecimento. A mudança é uma das certezas dessa sociedade fluida (BAUMAN, 2001), dinâmica onde os problemas são cada vez mais complexos e desafiadores.

Vive-se hoje a chamada sociedade da informação, que tem por características principais a velocidade no acesso à informação, a interatividade, a construção coletiva do conhecimento, a cooperação e a convergência das mídias. Assim é importante refletir sobre o papel do professor universitário em meio às novas necessidades que surgem dessa efervescência. Podem-se destacar como principais funções da universidade a formação de cidadãos, a difusão de culturas, o ensino das profissões, além do desenvolvimento da pesquisa científica.

A sociedade contemporânea exigirá cada vez mais pessoas que possuam as competências e habilidades necessárias para suas atuações profissionais e para lidar com a complexidade das relações sociais. Somos seres inconclusos e inacabados, sempre em processo de construção, portanto a busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento é constante e sem limites.

5 | RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

5.1 O relacionamento

Principalmente na Universidade é fundamental que a relação seja ampla, aberta e de confiança para ocorrer à troca de informações.

A autora Moll (2002), discute a importância da disponibilidade afetiva do professor, no sentido de promover uma interação mais positiva destes alunos com a aprendizagem e o contexto da sala de aula, como também considera. Além disso, esta atitude poderia promover a formação de um aluno mais consciente, crítico, colaborativo e ativo no processo de conhecimento (Coelho e Jardim, 2010).

É certo que ensinar se apresenta como maior função da escola, mas a escola também se torna uma instituição social a qual tem funções que contribuem para o desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

O ensino universitário também oferece oportunidades para satisfazer as necessidades de domínio bem como enfrentar e superar com sucesso os desafios.

Na teoria de Carl Rogers, o professor é visto como um facilitador, onde não é o

docente que ensina e sim o aluno que aprende o importante não é o que ele aprende, e sim como ele aprende. O papel do professor facilitador é instigar o aluno, atizar a sua curiosidade e desafiá-lo a buscar novos conhecimentos. Para que esse processo aconteça, de acordo com Rogers, é necessário um conjunto de qualidades que transformam o professor em facilitador da aprendizagem, são elas:

Autenticidade ou Congruência, Rogers no livro *Pessoa para Pessoa*, define esses termos: "em primeiro lugar, a minha hipótese é que o crescimento pessoal é facilitado quando o conselheiro é aquele que, na relação com o cliente, é autêntico, sem máscara ou fachada, e apresenta abertamente os sentimentos e atitudes que nele surgem naquele momento. Empregamos a palavra "congruência" para tentar descrever esta condição", ou seja, o professor na condição de facilitador ele é autêntico, sem disfarce ou falsidade, ele se assume como ele é, com defeitos e qualidades, tristezas e alegrias, e essa transparência é que cativa os alunos e conquista a confiança deles; Compreensão Empática como a "capacidade de se emergir no mundo subjetivo do outro e de participar na sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não verbal o permite. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê". (ROGERS, 1986).

O estudante precisa participar ativamente do próprio aprendizado, mediante a pesquisa, o estímulo ao desafio, o desenvolvimento do raciocínio e a busca constante do conhecimento. Nesse campo o professor precisa ser um entusiasta. Deve ter a mente aberta e capacidade de aceitar o papel de mediador entre o estudante e o conhecimento.

Sob a perspectiva de Carl Rogers, psicólogo humanista, (1986), o grande facilitador da aprendizagem é o relacionamento professor-aluno, que deve ser permeado de confiança, apreço mútuo e respeito. Para Rogers a autenticidade do professor, o apreço pelo estudante e a compreensão empática favorecem a aprendizagem significativa. O aluno adquire confiança em expressar suas opiniões, sem sentir-se analisado ou julgado e sim compreendido. O papel do professor é de orientador e mediador dos debates propostos em sala de aula e não o de detentor do conhecimento.

A relação professor - estudante tem o primeiro contato no primeiro dia de aula. O professor tem que cuidar para que as impressões causadas nos alunos sejam as mais positivas, para canalizar produtivamente as energias dos alunos, o que significa cuidar para obter resultados extraordinários.

6 | COMENTÁRIOS

A universidade precisa acompanhar as vertiginosas mudanças que vem ocorrendo no mundo. Tem-se que compreender as dinâmicas contemporâneas e favorecer para a formação de agentes também dessas transformações.

Atualmente, diante dessa complexidade do mundo, da fluidez dessa sociedade contemporânea, é fundamental olhar sobre essas questões, sobre a atuação do professor

universitário que já era problemática, onde se intensificam os problemas a partir das novas demandas sociais.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, mais do que nunca é importante que se efetive dentro das universidades o princípio da dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O aluno universitário precisa experimentar essas três dimensões que irão proporcionar uma formação mais ampla, um ambiente rico de aprendizagens significativas.

O professor universitário precisa favorecer para a formação de sujeitos autônomos, competentes, que possam gerir sua vida, ter iniciativa, criticidade e principalmente saber trabalhar coletivamente. Para tanto, necessitam de uma maior competência didática e estarem constantemente refletindo sobre sua atuação pedagógica.

O professor dessa sociedade contemporânea precisa compreender que a figura do detentor do saber já está ultrapassada. Ele deve favorecer um ambiente de experiências positivas para a aprendizagem e conteúdos contextualizados com a realidade. Ter o papel de problematizador, para que seu aluno queira aprender, sentindo-se estimulado para buscar o conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ROGERS, Carl. **Liberdade de Aprender em Nossa Década**, 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

COELHO, F.D. & JARDIM, M.H.C.H. (Orgs.) (2010). Programa um computador por aluno - UCA. Preparando para a expansão: **Lições de experiência piloto brasileira na modalidade um computador por aluno. Relatório de Sistematização III**. São Paulo: PUC - Programa de Pós Graduação em Educação. Disponível em: <http://www.uca.gov.br/institucional/downloads/experimentos/DFguiaImplementacao.pdf>. Acesso em 19/10/16 às 20h46min.

CRUB/SIUB. (1995) **Sistema de informação sobre as universidades brasileiras**. Brasília: DF.

DEMO, Pedro. Conhecer e aprender: **sabedoria dos limites e desafios**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. P. 130.

FONSECA, Selva G. Ensinar História no século XXI: **em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2005. P. 64.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. P. 117.

LEI DE DIRETRIZES E BASES - Lei 9394/96. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/1168919/artigo-43-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996> Acesso em: 19/10/16.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. A Universidade no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2000, nº14. P.131.

MOLL, L.C. **Vygotsky e a Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2002.

PASSOS, Miriam Barreto de Almeida. Professores do ensino superior: **práticas e desafios**. Porto Alegre: Mediação, 2009. P. 39.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: **profissionalização e razão pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2008. P. 47.

_____. Planejamento: **Plano de ensino aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo, Libertad, 1994.

_____. **A construção do conhecimento em sala de aula**, São Paulo, Libertad, 1994.